

ROUSSEAU E O SEU DISCURSO: VARIACIONES ENTRE O *EU* E AS *JUSTIFICACIONES*

Custódia Alexandra Almeida Martins*

RESUMO

A vontade de *afirmação* expressa por Rousseau na sua vida e na sua obra reflecte-se de um modo muito evidente e sustentado em quatro ideias expostas no conjunto das quatro cartas escritas a Malesherbes. Cada uma das cartas descreve essas ideias, nomeadamente: a explicação da verdadeira natureza do seu gosto pela solidão, explicação dos seus gostos aparentemente contraditórios, explicação da felicidade sentida nos retiros e, por último, a explicação por que razão os seus colegas o acusavam de fugir às suas obrigações sociais. O discurso de Jean-Jacques Rousseau é personalista, oscilando entre aquilo que é constitutivo do seu *eu*, do seu carácter, e as *justificações* dessa mesma constituição de carácter.

Palavras-chave: Rousseau. Filosofia. Discurso. Eu.

ABSTRACT

The desire of *affirmation* expressed by Rousseau in his life and in his work is reflected in a very evident way and sustained by four ideas revealed in the set of four letters written to Malesherbes. Each one of the letters describes these ideas, namely: the explanation of the true nature of his liking for solitude, explanation of his apparently contradictory tastes, explanation of the joy felt in retreats and, finally, the explanation why his colleagues accused him of fleeing from his social obligations. The discourse of Jean-Jacques Rousseau is personalist, oscillating between that which is constitutive of his *being*, of his character, and the *justifications* of this same constitution of character.

Keywords: Rousseau. Philosophy. Discourse. Being.

As quatro Cartas que Rousseau escreve a Malesherbes assumem uma natureza autobiográfica. Nestas o autor genebrino define dois objectivos, o

* Doutora em Filosofia da Educação. Universidade do Minho (Portugal) – Instituto de Educação. *E-mail:* custodia_martins@yahoo.com

primeiro, descrever o seu real carácter; o segundo, mostrar os verdadeiros motivos da sua conduta. Assim, num movimento circular, pretende definir-se justificando o seu comportamento; e justifica o seu comportamento considerando a sua natureza. Ou seja, num mesmo movimento visa *afirmar-se*. Esta vontade de *afirmação* é sustentada em quatro ideias fundamentais expressas em cada uma das cartas, a saber: a explicação da verdadeira natureza do seu gosto pela solidão, explicação dos seus gostos aparentemente contraditórios, explicação da felicidade sentida nos retiros e, por último, a explicação por que razão os seus colegas o acusão de fugir às suas obrigações sociais. As Cartas a Malesherbes revelam um Rousseau que não conseguindo dissociar o seu lugar na sociedade, ao mesmo tempo, necessita de se afastar dela para poder garantir a sua liberdade a sua autonomia. Compreendesse, assim, que o conteúdo das mesmas se centre naquilo a que designamos o *eu* e as suas *justificações*.

Paul de Man defende a existência de uma ambivalência nos escritos rousseauianos, os quais, se manifestam num jogo discursivo sempre referente a uma entidade, ora a de *homem* ora a de *eu*. De acordo com o autor «Se a palavra “homem” é uma figura conceptual associada a uma metáfora cega, então o estatuto referencial de um discurso sobre o homem está destinado a ser curiosamente ambivalente» (1979, p. 160)¹. Se por um lado, no *Segundo Discurso* o sujeito «tem de ser sobre uma entidade tal como o “homem” em que o nome é uma metáfora conceptual que substitui o jogo ilusório entre identidade e diferença» (1979, p. 160)², então, textos como os autobiográficos «desde as Cartas a Malesherbes (1762) até aos Devaneios (1776 – 1777), embora não certamente vazios de intenções generalistas, estão explicitamente enraizados num sentido de personalidade» (1979, p. 162)³. Consideremos a seguinte citação do segundo passeio da obra *Os devaneios do caminhante solitário*:

¹ «If the word “man” is a conceptual figure grafted on a blind metaphor, then the referential status of a discourse about man is bound to be curiously ambivalent».

² «has to be about an entity such as “man” in which the noun is a conceptual metaphor that replaces a delusive play between identity and difference».

³ «from the *Letters to Malesherbes* (1762) to the *Rêveries* (1776 – 1777), though certainly not devoid of generalizing intentions, are explicitly rooted in a strong sense of a particular selfhood».

Dizia a mim mesmo, suspirando: que fiz eu na terra? Fui feito para viver e vou morrer sem ter vivido. Pelo menos, não foi por minha culpa, e levarei ao autor do meu ser, senão a oferta das boas ações que não me deixaram fazer, pelo menos um tributo de boas intenções frustadas, de sentimentos são mas cujos os efeitos se perderam, de uma paciência que resiste ao desprezo dos homens (1989, p. 20).

Esta é uma passagem que ilustra muito bem o estado de alma do autor. Mais do que mostrar o que fez, ou melhor, o que não fez, Rousseau procura dizer o motivo pelo qual não fez aquilo que pretendia. O dizer transforma-se em justificação de intenções não concretizadas. Assim, como o próprio afirma, resta-lhe apenas um estado de alma: «submeti o meu íntimo a um exame severo que o fixasse para o resto da vida tal como eu queri encontrá-lo à hora da minha morte» (1989, p. 34–35).

Dentro deste contexto, afirma Paul de Man que a distinção entre *mostrar* (showing) e *dizer* (telling), numa terminologia mais recente, entre *discurso* e *história*, é essencial para compreender as polaridades clássicas inerentes ao discurso narrativo. O que sucede com os escritos de Rousseau é que são justamente reflexo dessa polaridade, assim, temos textos que *mostram* e textos que *dizem*. As *Cartas a Malesherbes* situam-se no *dizer* (telling). Os textos que dizem são textos que apontam para *justificações*: *justificações* do narrador, *justificações* para o leitor. Por isso mesmo, Paul de Man, citando Alain Grosrichard, afirma que o objectivo dos escritos de Rousseau são os de fazer coincidir a representação que o autor tem de mundo com a representação que ele (Rousseau), enquanto, indivíduo, transmite aos outros, ou seja, nomeando-se [*me nommer*]. Veja-se como as seguintes palavras ilustram o que ficou dito: «Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade da natureza, e esse homem serei eu. Eu só. Sinto o meu coração, e conheço os homens» (1988, p. 21). É precisamente neste sentido que Jorge de Sena fala de um Rousseau que teve «o anseio de justificação de uma vida pela mesma vida, a fúria de impor aos outros a própria personalidade» (1988, p. 8).

Paul de Man distingue entre aquilo a que chama de «confissão dita no modo de verdade revelada» (1979, p. 280)⁴ e aquilo a que chama

⁴ «confession stated in the mode of revealed truth».

de «confissão dita no modo de justificação» (1979, p. 280)⁵. Tal distinção baseia-se no conceito de *evidência*, a qual, para o primeiro caso implica que possua um referencial, e para o segundo caso implica que seja *verbal*. Assim, esta tónica sobre o aspecto *verbal* está bem presente no discurso de Rousseau. Atente-se na seguinte passagem:

Direi em voz alta: eis aqui o que fiz, o que pensei, aquilo que fui. Falei, com igual franqueza, do bem e do mal. Nada calei de mau, nada acrescentei de bom, e, se me aconteceu empregar qualquer insignificante adorno, foi tão-somente para tapar uma lacuna motivada pela minha falta de memória (1988, p. 21).

Sobre esta matéria Paul de Man continua a sua análise dizendo:

Quer acreditemos nele [Rousseau] ou não esse não é o ponto: é a natureza verbal ou não verbal da prova que faz a diferença, não a sinceridade de quem fala ou a credulidade de quem ouve. A distinção está em que o último processo necessariamente inclui um momento de compreensão que não pode ser equacionado com a percepção, e que a lógica que governa esse momento não é a mesma do que aquela que governa a verificação referencial (1979, p. 280–281)⁶.

As cartas escritas a Malesherbes mais não são do que uma confissão de carácter justificativo (*excuse*), e nesse sentido, o objectivo de Rousseau será o de convencer o seu interlocutor de que é inocente relativamente a todas as acusações de que é alvo. No esquema interpretativo apresentado por Paul de Man o que sucede é que a possibilidade de verificação não ocorre para o caso da *justificação*, a qual «é verbal na sua enunciação, no seu efeito e na sua autoridade: o seu propósito não é afirmar mas convencer, ele mesmo um processo “interno” perante o qual apenas as palavras servem de

⁵ «confession stated in the mode of excuse».

⁶ «Whether we believe him [Rousseau] or not is not the point; it is the verbal or nonverbal nature of the evidence that makes the difference, not the sincerity of the speaker or the guilibility of the listener. The distinction is that the latter process necessarily includes a moment of understanding that cannot be equated with a perception, and that the logic that governs this moment is not the same as that wich governs a referential verification».

testemunho» (1979, p. 281)⁷. Mais ainda, «as palavras [justificações] não apenas acusam como implementam o veredicto implícito na sua acusação» (1979, p. 293)⁸. Compreende-se que Rousseau, além, de ter por objectivo convencer o seu interlocutor da sua inocência, pretende ainda, no mesmo gesto, lançar um veredicto final sobre aqueles que o acusam. Justificando-se acusa, acusando justifica-se.

É nesta relação bidireccional que Rousseau melhor se sabe movimentar, pois, é justamente entre o trajecto do eu social e do eu solitário que ele dirige a sua existência. Se atentarmos em alguns episódios da sua vida constataremos esta ambivalência, a qual, sendo um estado (existencial) problemático para os outros, não o é para si. Este estado é o garante da sua personalidade. Neste contexto, Jean-Jacques Rousseau é a única pessoa que pode defender Rousseau, pois, há uma coincidência entre aquilo que ele é, a sua natureza, e aquilo porque o é, os motivos da sua conduta, «as minhas razões são menos nobres e [mas] estão mais próximas de mim» (1994, p. 26).

Não admira que sinta necessidade de iniciar a sua apresentação dizendo que nasceu com uma inclinação natural para a solidão e, que essa predisposição foi sendo acentuada com os anos em que conviveu e conheceu melhor os seus contemporâneos, entenda-se os homens. Por esta razão Rousseau assume tirar «mais proveito dos seres quiméricos que reúno em meu redor do que daqueles que vejo na realidade» (1994, p. 26), assim sendo, o desagrado para com os homens encontra a sua causa não numa razão exterior, como por exemplo, a de entender que a sociedade não lhe reconhecia o lugar que ele julgava merecer, mas, numa razão mais próxima. A verdadeira causa desse descontentamento possui um carácter mais pessoal, aquilo que o autor definiu como: «esse indomável espírito da liberdade que nada o pode vencer e perante o qual as honras, a fortuna e a fama nem sequer me dizem nada» (1994, p. 28). Este amor pela liberdade está intimamente relacionado com o seu espírito indolente, na medida em que, os deveres da vida civil são aquilo que para Rousseau surge como insuportável. Sobre este assunto escreve:

⁷ «is verbal in its utterance, in its effect and its authority: its purpose is not to state but convince, itself an “inner” process to which only words can bear witness».

⁸ «excuses not only accuse but they carry out the verdict implicit in their accusation».

Qualquer palavra, qualquer carta, qualquer visita se convertem para mim em suplícios desde o momento em que tenho que fazê-las. E esta é também a razão pela qual sempre temi os agradecimentos e sinto-me ingrato só pelo facto de que o agradecimento seja um dever (1994, p. 28).

A questão da indolência em Rousseau não deverá ser colocada no sentido de perguntar o que é que Rousseau quer fazer mas o que é que Rousseau não quer fazer. Atente-se na seguinte passagem:

Apesar de tudo, na minha juventude fiz alguns esforços para medrar, mas não tiveram outro objectivo senão o retiro e o descanso na minha velhice, e ao ser aos poucos, como todos os dos indolentes, jamais tiveram o menor êxito. Quando comecei a adoecer, encontrei um bom pretexto para me entregar à minha paixão dominante. Parecendo-me uma loucura atormentar-me por uma idade à qual não chegaria, abandonei tudo e me predispus a gozar. Essa é a verdadeira causa, juro, deste retiro para o qual os nossos homens de letras foram buscar motivos de ostentação (...) (1994, p. 29).

Assim, ao terminar a primeira carta a Malesherbes Rousseau reitera a sua intenção de apresentar-se sem disfarce e sem modéstia, e esta necessidade advém, como o próprio afirma, do facto de que «os que pensam que me conhecem, vejo que não entendem nada» (1994, p. 29). Já a segunda carta começa por explicar os seus gostos aparentemente contraditórios, de resto, Rousseau faz uma retrospectiva dos três grandes períodos da sua existência. Começa pelo período da infância, dizendo que aos seis anos de idade era uma criança menos activa do que as outras e que a leitura assumiu um papel preponderante na sua educação, «Aos seis anos caiu Plutarco nas minhas mãos e aos oito já o sabia de memória. Antes da idade em que o coração se interessa pelas novelas, já as tinha lido todas» (1994, p. 31). Este tipo de vivência permitiu-lhe criar, na sua juventude, uma sociedade feita à sua medida, pois, sentia pelo seu século e pelos seus contemporâneos desprezo, como afirma:

vendo que no meio deles não encontraria uma situação que pudesse satisfazer o meu espírito, pouco a pouco fui desagregando-me da

sociedade dos homens e fabricava outra na minha imaginação que me agradava quanto mais a podia cultivar sem esforço nem risco e encontrá-la sempre segura e à medida das minhas necessidades (1994, p. 31).

Quanto à idade adulta refere que passou quase quarenta anos da sua vida descontente consigo mesmo e com os outros, procurando continuamente motivos para romper os laços que mantinha com «essa sociedade que tão pouco estimava» (1994, p. 32). Para justificar a sua postura perante a sociedade recorre ao episódio de Vincennes, nomeadamente, a visita que fez a Diderot quando este se encontrava preso. Passando o tema central desta carta a ser o estranho estado de agitação em que o seu espírito se viu envolvido, o qual, permitindo-lhe aceder à realidade com uma clarividência que nunca tinha tido até então. Veja-se:

Se alguma vez pudesse escrever uma quarta parte do que vi e senti debaixo daquela árvore, com que claridade teria mostrado todas as contradições do sistema social, com que força teria exposto todos os abusos das instituições, com que facilidade teria demonstrado que o homem é bom por natureza e que só por essas instituições se torna mau (1994, p. 32–33).

Na passagem que se segue podemos também encontrar, além da descrição desse momento singular, o destaque que Rousseau pretende dar à articulação entre três textos que o autor considera escritos principais:

Tudo o que pude reter daquela profusão de grandes verdades que num quarto de hora me iluminaram debaixo dessa árvore foram bem analisados nos meus três escritos principais, a saber, o primeiro discurso, o outro sobre a desigualdade e o tratado sobre educação (1994, p. 33).

A segunda carta termina recuperando a ideia de liberdade anteriormente apresentada. Para Rousseau a verdadeira liberdade passa pelo isolamento da pessoa, concluindo «não consegui manter-me sem romper com tudo. Só desde então fui verdadeiramente livre» (1994, p. 35).

A terceira carta acolhe como tema predominante o estado moral de Rousseau «Não fui longe buscar a felicidade; procurei-a à minha volta e encontrei-a» (1994, p. 36). Pretende o autor justificar o seu gosto pela solidão, bem como, a necessidade do seu isolamento. Foi essa solidão que lhe deu alegrias e lhe permitiu gozar a sua liberdade:

esses passeios solitários, esses dias velozes mas deliciosos que passei inteiros só comigo (...) com o meu cão querido, com a minha velha gata, com os pássaros do campo (...) com a natureza toda e o seu inconcebível autor (1994, p. 37).

Por esta mesma razão a ideia de construir uma sociedade perfeita era uma constante no seu pensamento, «povoava [a terra] de seres segundo o meu ânimo, e, deixando de lado a opinião pública, os preconceito» (1994, p. 38). Para isso, recorria à faculdade da imaginação para «inventar uma sociedade encantadora da qual não me sentia indigno» (1994, p. 38). Uma leitura que podemos fazer do gesto do autor, quando a partir da imaginação, inventava uma realidade, ou seja, a sua realidade, é que tal permitia-lhe aceder a um movimento maior: o da *suspensão* da própria realidade. Assim sendo, o seu estado de solitário, corresponderia à condição necessária para aceder a esse mesmo movimento. De resto, como o próprio escreve:

Com a cabeça um pouco cansada mas com o coração contente, descansava agradavelmente à minha volta entregando-me à impressão dos objectos, mas sem pensar, sem imaginar, sem fazer nada mais que sentir a calma e a felicidade da minha situação (1994, p. 40).

Na última carta escrita a Malesherbes o registo é outro, nesta, o autor visa *defender-se* da acusação que os seus contemporâneos lhe lançaram. Designadamente a que insidia sobre o afastamento que Rousseau foi estabelecendo relativamente às obrigações sociais:

Abandonei a sociedade e as suas pompas, renunciei a todos os adornos, deixei de usar espada, relógio, meias brancas, dourados, penteados (...); mais do que tudo isso, arranquei do meu coração a cupidez e a

cobiça que dão valor a tudo o que abandonava. Renunciei ao cargo que então ocupava e para o qual não era de modo algum qualificado (...) (1989, p. 34).

Há medida que se justifica faz também, no início da carta, um veredicto final sobre os seus concidadãos. Veja-se:

De mim dependia, não simular outro temperamento ou outro carácter, senão tirar partido do meu, para fazer-me bom para mim e de modo algum fazer mal para os demais. Isso é muito, senhor, e poucos homens podem dizer o mesmo. Tão pouco lhe ocultarei que, apesar de conhecer os meus vícios, me tenho em alta estima (1994, p. 41).

Podemos então concluir que o conjunto de quatro cartas que Jean-Jacques Rousseau escreveu a Malesherbes em Janeiro de 1762 foi revelador de uma intenção específica do autor, apresentar-se aos outros tal como é verdadeiramente, assumindo esta apresentação um carácter apologético. A partir dela Rousseau pretendeu definir-se como sendo um homem livre, apoiando-se, para isso, em dois pilares. Por um lado, dizendo que fez uma descrição real do seu carácter; por outro lado, diz que expôs os verdadeiros motivos da sua conduta. Só um homem verdadeiramente livre se dispõe a fazer uma exposição de auto-defesa que lhe pode custar a fama de misantropo.

No mesmo gesto apologético, que caracteriza o discurso de Rousseau, o qual designamos de variações entre o *Eu* e as *Justificações*, o autor das *Confissões*, encetou uma dupla defesa. Assim, ao descrever o seu carácter procurou retratar-se tal como se entendia, apresentando-se em defesa do seu *Eu*, «mostrar-me-ei a vós tal qual me vejo, e tal qual sou, pois passando eu a minha vida comigo devo conhecer-me, interpretando as minhas acções, e a minha conduta da qual eles nada conhecem» (1994, p. 29). E quando descreve a sua alma como «preguiçosa que se aflige de todos os cuidados» (1994, p. 30) e o seu temperamento como «ardente, bilioso, fácil à afectação e sensível aos excessos de tudo que o afecta» (1994, p. 30), conclui sobre esta relação: «parece não poder aliar-se no mesmo carácter, e esses dois contrários compõem todavia o fundo do meu» (1994, p. 30).

E ao identificar a causa que o levou a afastar-se dos seus semelhantes, o indomável espírito da liberdade, diz ter mostrado os verdadeiros motivos do seu retiro.

Entendemos, pois, que este conjunto de cartas além de revelarem uma necessidade de auto-defesa, são ao mesmo tempo um momento de introspecção, e nesse sentido um momento catártico. Um momento de purificação da alma de Jean-Jacques Rousseau, expresso de forma bem evidente no excerto que se segue:

motivos bem menos nobres sem dúvida do que os suporíeis, mas tais que me tornam satisfeito comigo mesmo, e inspiram o orgulho na alma de um homem que se sente bem ordenado, e que tendo tido a coragem de fazer aquilo que devia para sê-lo, crê poder imputar-se disso o mérito (1994, p. 41).

Referências

- DE MAN, Paul. *Allegories of Reading*, New Haven & London: YUP, 1979.
- DE SENA, Jorge. As «Confissões» de Rousseau e o problema da sinceridade. In: _____. *Confissões*. Lisboa: Relógio d'Água, 1988.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Lisboa: Cotovia, 1989.
- _____. *Confissões*, Lisboa: Relógio d'Água, 1988.
- _____. Cuatro Cartas al Señor Presidente Malesherbes conteniendo la descripción real de mi carácter y los verdaderos motivos de toda mi conducta". In: _____. *Escritos Polémicos*, Madrid: Tecnos, 1994.

Data de registro: 20/04/2011

Data de aceite: 15/06/2011